



VOLTA REDONDA PÓS-PRIVATIZAÇÃO DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL: A CRISE DE UMA CIDADE MONOINDUSTRIAL EM BUSCA DE UMA NOVA IDENTIDADE ECONÔMICA

**Carlos Henrique Magalhães¹
Marilsa de Sá Rodrigues²**

Resumo

Nesta pesquisa analisam-se os impactos sociais e econômicos da privatização da Cia. Siderúrgica Nacional sobre a cidade de Volta Redonda. Destaca-se a importância da empresa na formação do espaço urbano e da identidade coletiva da cidade e descrevem-se, por meio de revisão bibliográfica e documental, as transformações desencadeadas pela privatização da empresa na vida da comunidade local. Os resultados demonstram que o processo de privatização trouxe impactos profundos à cidade, que viu seus bairros operários declinarem, em decorrência do grande corte de vagas nos quadros da empresa. Além disso, experimentou forte crescimento na prestação de serviços que se transformou no setor mais dinâmico da economia municipal. Conclui-se que as cidades monoindustriais construídas em função de uma grande empresa enfrentam sérias dificuldades na tentativa de buscarem nova funcionalidade econômica, o que, não raramente, acaba provocando graves reflexos em seu ordenamento social.

Recebimento: 30/7/2014 • Aceite: 18/11/2014

¹ Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté, SP, Brasil. E-mail: carlitohenri@yahoo.com.br.

² Doutora em Administração – Mackenzie. Docente da Universidade de Taubaté. E-mail: marilsasarodrigues@outlook.com.

Palavras-chave: Gestão; Planejamento; Desenvolvimento Regional; cidade monoindustrial; Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda - CSN

VOLTA REDONDA AFTER CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL PRIVATIZATION: THE CRISIS OF A MONO INDUSTRIAL CITY IN SEARCH OF A NEW ECONOMIC IDENTITY

Abstract

This article aims to analyze the socio-economic impacts of Companhia Siderúrgica Nacional privatization on the city of Volta Redonda. The research highlights how important the Company was to the development of the urban space and the collective identity of the city, and it describes through bibliographic and documentary reviews, the changes triggered by the Company privatization in the life of the local community. The results show that the process of privatization caused deep impacts on the city, which saw its industrial neighborhoods decline due to the high number of layoffs. In addition, it experienced a strong increase in the services sector, which changed into the most dynamic sector of the local economy. It was concluded that mono industrial cities built around a big company face serious difficulties when trying to seek a new economic functionality, what almost always ends up causing serious consequences in their social planning.

Keywords: Regional Development; Management; Planning; Mono Industrial City; Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda - CSN

Introdução

Nesta pesquisa, o objetivo é descrever o processo de formação da cidade de Volta Redonda a partir da implantação da Cia. Siderúrgica Nacional, a influência que a empresa exerceu na identidade coletiva local e as transformações decorrentes da privatização da empresa no espaço urbano, relações sociais e identidade coletiva locais.

A análise parte do princípio de que a cidade de Volta Redonda se desenvolveu a partir do modelo fordista de produção, com implantação da primeira grande empresa siderúrgica do país, a Cia. Siderúrgica Nacional, marco da transição de um modelo agrário-exportador para uma economia urbano-industrial.

A cidade cresceu ao redor da usina, de forma que seu planejamento urbano reproduzia os mecanismos de poder e hierarquia do interior da fábrica. Nas palavras de Bedê (2010), as relações sociais impregnadas pela influência americana fordista acabaram criando uma cidade organicamente subordinada à atividade produtiva da CSN.

Por isso mesmo, foi a primeira cidade brasileira onde as relações entre capital e trabalho, e mesmo as relações sociais, reproduziram-se a partir da hegemonia de uma grande empresa.

A CSN foi responsável pela implantação da infraestrutura urbana da cidade nas primeiras décadas de sua existência, marcando fortemente a identidade coletiva local. O plano diretor da cidade, idealizado nos anos 70, procurou adequar os projetos de crescimento do município ao programa de expansão da Usina Presidente Vargas, demonstrando os fortes laços que ligavam a cidade à empresa.

Em 1993, após a privatização da siderúrgica, os novos administradores da antiga estatal tomaram uma série de medidas que significaram o rompimento dos vínculos com a cidade.

A grave crise econômica e social que se abateu sobre o município fez com que a cidade procurasse novos rumos, com menor dependência da CSN, projetando inclusive uma nova centralidade urbana. Procurou-se colocar a usina num plano secundário em relação às novas propostas de desenvolvimento econômico para a cidade.

A procura de um novo projeto urbanístico e econômico evidencia-se a partir da elaboração, em 2006, de um plano diretor que realça a crise de uma cidade operária que intenta se reinventar, a partir da ruptura com seu passado de economia monoindustrial cuja dinâmica durante décadas esteve atrelada ao entrar e sair dos

operários, comandado pelo apito da Usina que lhe deu origem. Essa influência se estendia no cotidiano dos bairros e vilas operárias e marcaram profundamente a identidade coletiva local.

Compreender as transformações ocorridas no espaço urbano e na identidade coletiva de Volta Redonda constitui-se uma reflexão oportuna e necessária, para análise das dificuldades enfrentadas pelas cidades monoindustriais a partir da privatização das grandes empresas em torno das quais essas localidades se desenvolveram, no contexto do chamado capitalismo pesado (BAUMAN, 2010).

Fundamentação Teórica

Volta Redonda, primeira cidade monoindustrial do Brasil, tornou-se o marco inicial do processo de industrialização do país a partir da instalação, nos anos 40, da primeira grande siderúrgica da América Latina, projetando-se como uma cidade essencialmente operária, tendo seu projeto arquitetônico e urbanístico idealizado a partir da construção da empresa.

Nas palavras de Bedê (2004), a CSN assumiu o papel de “Grande Irmão”, da ficção criada por George Orwell no livro 1984, pois, tanto provia quanto vigiava e controlava a vida dos seus empregados, valendo-se do serviço social e inclusive da polícia administrativa.

O cotidiano da grande empresa fordista assentada na linha de montagem e na forte divisão do trabalho, operacionalizada por um número significativo de trabalhadores, contribuía de certa forma para maior consciência de classe e maior identidade coletiva à cidade.

Segundo Lipietz (1997), como princípio geral da organização do trabalho o modelo industrial fordista era caracterizado pela separação entre o planejamento e o gerenciamento do processo produtivo e sua execução por meio de tarefas estandardizadas e previamente determinadas. Essa rígida hierarquização do processo produtivo no chão da fábrica, segundo Bedê (2010), estender-se-á também para o planejamento urbano, para a disposição dos bairros da cidade, reproduzindo as relações de poder e comando do interior da usina.

Graciolli (2009) entende que Volta Redonda, ao ser construída a partir da implantação da CSN, transformou-se em um modelo conhecido como *company-town* (*cidade-companhia*). Na opinião do autor, as *company-towns* são cidades caracterizadas pelo controle das grandes empresas a partir do fornecimento de moradias, além de

suprir as demais necessidades da força de trabalho, ao mesmo tempo em que estendem seu domínio ao âmbito privado dos trabalhadores, utilizando diversos mecanismos de disciplinamento. “A noção do senso comum de que ‘há um tempo e um lugar para tudo’ é absorvida num conjunto de prescrições que replicam a ordem social ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempos” (HARVEY 1992 p. 198).

Monte-Mor (2006 snp) alega que as cidades monoindustriais, como Volta Redonda e Ipatinga, apresentam um modelo de urbanização subordinada à lógica produtiva industrial, com espaços urbanos rigidamente hierarquizados e os serviços reproduzidos segundo o papel funcional do processo produtivo.

Dulci (2009) salienta que, no modelo fordista de produção, sobressaía a divisão de tarefas entre supervisores, gerentes e intermediários. Também a disposição dos bairros da cidade procurava reproduzir essa dinâmica da divisão do trabalho existente no chão da fábrica fordista.

No bairro do Conforto foram alojados os operários. No bairro do Laranjal foram construídas casas espaçosas para abrigar os diretores e gerentes da empresa. Na Vila Santa Cecília, os técnicos e engenheiros foram instalados.

A identidade funcional refletia-se no convívio familiar e na vizinhança, nas relações sociais. A esse respeito Harvey (1992) comenta que as ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem-nos uma experiência de vida com a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade. A hierarquia urbana de Volta Redonda foi, dessa forma, concebida para reforçar a identidade de classe do operário da grande siderúrgica, ao mesmo tempo em que pretendia deixar clara a divisão de poder, na disposição espacial dos bairros das diferentes categorias funcionais.

Santos (2008 p. 33) é categórico ao afirmar que “O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas.”

As cidades monoindustriais, no entanto, aprofundam a dependência da cidade em relação à empresa e, no caso de Volta Redonda, e segundo Piquet (p. 688), a cidade acaba por se transformar em mera extensão da esfera de atuação da empresa, que se torna a proprietária das moradas e dos equipamentos coletivos, e suas regras permeiam as atividades exercidas pelos habitantes.

Segundo Dias e Neto (2004), o planejamento urbano fordista seguia o paradigma modernista, no qual a funcionalidade, a padronização e a racionalidade positivista imperavam.

A segregação funcional, por sua vez, acabou acarretando a marginalização de determinados segmentos da população. Esse isolamento imposto acabou determinando certos padrões de comportamento social.

No dizer de Bedê (2004 p. 63), essa estratificação se faz presente nos aspectos mais prosaicos do cotidiano da cidade, não somente na qualidade da moradia ou na sofisticação do tipo de urbanização do bairro em que se mora, mas também nas relações sociais, no lazer e no entretenimento.

Na construção da CSN, em Volta Redonda, essa ação teórico-prática do capital de controle do trabalho e sua conformação ao novo patamar tecnológico de produção siderúrgica_ “novos métodos” e “nova programação” _ implicava a concepção e construção de uma vida social organicamente vinculada à racionalidade produtiva da companhia. As relações hegemônicas transbordam os limites da grande Usina Siderúrgica e difundem-se por toda a organização da sociabilidade coletiva da Cidade do Aço, Volta Redonda (BEDÊ, 2010, p. 40).

Tramontani (2005) entende o fordismo, não apenas como uma organização econômica, mas também como uma cultura construída a partir da subjetividade coletiva, assentada na padronização da produção e massificação que, por sua vez, provocará a “padronização” dos desejos de consumo.

A presença da CSN, na visão de Gracioli (2009), abrangia ideologicamente todos os segmentos do cotidiano da população. Do time de futebol à formação técnica, passando pelo policiamento, assistência médico-odontológica, o atrito com a vizinhança, o cotidiano dos operários, suas festas e seu lazer, tudo estava sob o controle da Companhia.

A ideia de progresso constante e de construção de uma identidade pelo trabalho executado na nova e moderna siderúrgica perpassava todos os aspectos da vida dos operários e de seus familiares, e impregnava o imaginário de todos que viviam na cidade, mesmo daqueles que não trabalhavam no interior da usina. “Toda a vida social da Cidade do Aço, bairros, moradias, convívio urbano,

comércio, transporte, abastecimento, educação, saúde, assistência social, estava subordinada às necessidades da reprodução ampliada do capital da CSN” (BEDÊ 2007 p. 78).

No modelo fordista de produção, os vínculos empregatícios eram duradouros. A identidade de classe era facilmente identificada nos bairros da cidade de Volta Redonda, onde o indivíduo residia. Nos bairros e vilas operárias vivia-se todo um ritual simbólico de identidade coletiva e pertencimento social a partir dos vínculos que uniam os indivíduos à empresa.

A carreira claramente delineada, a tediosa, embora tranquilizadora, rotina compartilhada diariamente, a estabilidade dos grupos de trabalho, a possibilidade de desfrutar capacidades definitivamente adquiridas e o grande valor atribuído à experiência no trabalho, permitiam manter os riscos do mercado de trabalho à distância. Permitiam também atenuar (ou mesmo eliminar totalmente) a incerteza, confinando os medos no reino marginal da “má sorte” e dos “incidentes fatais”, sem permitir que eles invadissem a vida cotidiana (BAUMAN, 2009, p 19).

Em Volta Redonda, até os anos 70 vivia-se o que Bauman (2005) intitula sucessão lógica do credo liberal, segundo o qual se acreditava que uma vez alcançada a segurança pessoal frente aos diferentes modelos opressores, as pessoas se reuniriam para resolver seus interesses em comum por meio da ação política, e o resultado seria a sobrevivência coletivamente garantida em relação à pobreza, à ameaça do desemprego, à incapacidade de garantir diariamente a existência.

A privatização da CSN representou, de maneira inequívoca para a cidade de Volta Redonda, o rompimento brusco com o modelo produtivo fordista, sobre o qual se formou toda a identidade e base de convivência social da cidade que, nos últimos anos, busca um novo modelo econômico e social.

Metodologia

O método utilizado foi a revisão bibliográfica e a pesquisa documental com análise de obras, reportagens, dissertações, teses, publicações e arquivos de órgãos públicos municipais.

Discussão de Resultados

Sintoma da crise social e econômica que se seguiu à privatização da CSN, Volta Redonda vivencia uma reestruturação do seu espaço urbano com a mesma rapidez e intensidade em que se dá a reestruturação produtiva da empresa que lhe deu origem.

A privatização da CSN, associada a um novo momento político pós-ditadura militar, na visão de Mascarenhas e Oliveira (2006), significou uma reformulação de diretrizes da cidade com novos objetivos centrais e diferentes práticas de ocupação do território, amparados em dogmas como “qualidade de vida” e “sustentabilidade.”

Graciolli (2013) afirma que, para além do espaço fabril, a privatização da CSN explicita-se por indicadores socioeconômicos de Volta Redonda e seu entorno regional, que são muito significativos para mensurar-se o impacto desse processo para a cidade. Segundo o autor:

- a inadimplência no comércio entre 1992 e 1997 quintuplicou;
- os títulos protestados passaram de 5,2 mil, em 1993 (ano da privatização), para 13 mil, em 1996;
- os atendimentos públicos na área de saúde aumentaram em 80%, após 1995, em decorrência do fim da assistência médica que era oferecida pela empresa;
- aumento de 15 mil pessoas nos núcleos de posse de terra;
- as demissões chegaram a 24 mil trabalhadores, representando cerca de 20% da população economicamente ativa da cidade no período 1994 - 1998;
- a perda salarial superou 250 milhões de reais, mais do que a arrecadação anual da prefeitura, que teve uma perda direta de 15% nos impostos, algo em torno de 20 milhões de reais.

Graciolli (2013) lembra ainda que boa parte das propriedades que pertenciam à CSN foram privatizadas juntamente com a empresa, inviabilizando a atração de novos investimentos em face do estrangulamento da capacidade do poder executivo local de ampliar os equipamentos urbanos, sobretudo nas áreas de saúde e educação.

Mascarenhas e Oliveira (2006) entendem que ocorreu uma implosão do modelo de cidade industrial de Volta Redonda, a partir do afastamento da CSN das questões locais, tendo como reflexo o

enfraquecimento das vilas operárias e das instituições dos trabalhadores.

A crise do modelo produtivo fordista também se transformou na crise do mundo do trabalho fabril que moldou a identidade coletiva urbana. “Quanto ao proletário, reduzido e individualizado, ofuscado pelo veloz progresso tecnológico, parece negado em sua condição social e com a existência ameaçada pelos novos tempos”(MASCARENHAS; OLIVEIRA, 2006, p. 1).

O perfil da base operária da cidade, na visão de Graciolli (2013), foi profundamente alterado, uma vez que em 2008, segundo dados do sindicato dos metalúrgicos, faziam parte dos quadros da empresa apenas 8 mil trabalhadores e outros 9 mil terceirizados.

De fato, a crise econômica que se abateu sobre a cidade nos anos posteriores à privatização, devido ao grande desemprego decorrente da reestruturação produtiva da empresa, acabou provocando novas formas de apropriação do espaço urbano.

Se no passado os operários, embora segregados, tiveram o seu espaço delimitado no projeto urbanístico de Volta Redonda, nas duas últimas décadas, posteriores à privatização, percebe-se um rápido declínio dos bairros destinados à classe trabalhadora, que se vê cada vez mais forçada a se deslocar para as periferias da cidade. Exemplo disso é o que vem ocorrendo com o Bairro Nossa Senhora das Graças.

Bairro tipicamente operário, cuja origem está diretamente associada à expansão da CSN, abrigou no passado o chamado “acampamento central”, destinado a abrigar os operários da empresa, bem como os funcionários do hospital que foi mantido durante décadas pela siderúrgica (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Volta Redonda – IPPU 2013).

O bairro foi construído na região Centro Sul da cidade, em área alagadiça que era periodicamente inundada pelas cheias do rio Paraíba do Sul. Atualmente encontram-se no bairro poucos estabelecimentos comerciais e alguns órgãos municipais estaduais e federais. Em 1991 (dois anos antes da privatização da CSN), habitavam o bairro cerca de 2558 moradores, ao passo que em 2010 contava com 1432 habitantes (IBGE/IPPU – VR 2013).

Figura 1: Construção da Vila Operária do Bairro Nossa Senhora das Graças



Fonte: Arquivos IPPU, 2013

O declínio demográfico do bairro coincidiu com o grande processo de demissões que se seguiu à privatização e reestruturação da CSN.

Em 2010, o bairro, antes decadente, recebeu vultoso investimento imobiliário, a partir da construção de um grande condomínio de classe média (Residencial Aquarela), com 144 apartamentos.

A disposição horizontal das casas de dois andares (os chamados balancinhos) que abrigavam as famílias operárias foi abruptamente modificada pela construção de um grande arranha-céu que mudou significativamente a paisagem local. A partir da construção do condomínio, o bairro, tipicamente operário, começa a se transformar num reduto de classe média, contribuindo para aumentar a segregação espacial da classe trabalhadora local numa cidade de forte identidade operária.

Esse processo também se encontra em curso no Bairro da Sessenta, vila de forte tradição operária que vem recebendo grandes investimentos imobiliários em condomínios fechados destinados à classe média alta.

Some-se a isso, como salientou Graciolli (2013), o dismantelamento de boa parte da rede assistencial que a empresa

oferecia à comunidade, antes da privatização, contribuiu para tornar ainda mais dramático o quadro social da classe trabalhadora da cidade.

A classe operária de Volta Redonda toma consciência, então, de que o “pertencimento” e a “identidade” não são sólidos como uma rocha, muito menos constituem garantias para toda uma vida. Podem ser negociáveis e revogáveis (BAUMAN, 2005).

De acordo com o secretário de desenvolvimento econômico de Volta Redonda, Jessé Hollanda Cordeiro, novos empreendimentos imobiliários desse porte estão por vir. Em dezembro de 2012, a empresa Alphaville, famosa pelos seus condôminos de luxo, anunciou que pretende lançar na cidade um empreendimento que objetiva mudar a concepção de residências de Volta Redonda. A esse respeito, o secretário afirmou:

“Uma coisa que as pessoas precisam entender é que quando o empresário vem dos grandes centros para Volta Redonda, ele quer ter uma casa onde possa morar. Morar bem. A cidade até então possui boas áreas, mas a grife Alphaville, por conta do que representa, vai dar mais tranquilidade para que eles (os empresários, grifo nosso) possam investir na cidade e ainda trazer a família”, frisou (NOVOS RUMOS, 2012).

Os bairros planejados para as diferentes categorias funcionais da CSN denotavam a identidade e a marca coletiva da cidade fordista monindustrial assentada na estabilidade. A empresa, que personificava o Estado, tinha a função, segundo Bauman (2009), de administrar o medo. Por isso, coube à CSN tecer uma rede de proteção (hospital, escola, lazer, habitação) aos habitantes. Esse é o projeto arquitetônico da cidade que foi idealizado para estratificar social e funcionalmente a população, respeitando “[...] as normas industriais que definem os direitos recíprocos das partes nos contratos de trabalho, defendendo também o bem-estar e os direitos dos empregados” (BAUMAN, 2009, p. 18).

Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada desregulamentação) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem _

aparentemente eterno, ou pelo menos presente desde tempo imemoriais, assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido (BAUMAN, 2009 p. 20).

O desemprego passou a fazer parte do cotidiano da cidade, que historicamente sempre foi conhecida por ser grande empregadora de mão-de-obra.

A carreira claramente delineada e a rotina compartilhada diariamente na fábrica, conforme salientado por Bauman (2009), desapareceram rapidamente. Em poucos anos, como já observado, toda a rede de assistência social mantida pela empresa foi desativada. O medo e a insegurança dominam o imaginário coletivo local. “Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos escassos e claramente inadequados” (BAUMAN 2009 p. 21).

Quanto à crise do modelo do Estado do Bem-Estar Social fordista, Palmeira (2012) afirma que o empreendedorismo serviu para substituir e adequar as funções administrativas das cidades, do ponto de vista lógico-empresarial, às necessidades do capitalismo mundializado. Dessa forma, o autor revela que os locais que apresentassem estratégias viáveis de atração de investimentos colocaram-se à frente de seus concorrentes.

Um novo e agressivo marketing urbano foi desenvolvido pelo atual grupo hegemônico que controla o poder político local, cujo discurso, nas palavras de Mascarenhas e Oliveira (2006), procura associar o binômio “cidadania/sustentabilidade” como forma de legitimar e cooptar as classes trabalhadoras órfãs do paternalismo de outrora, da CSN.

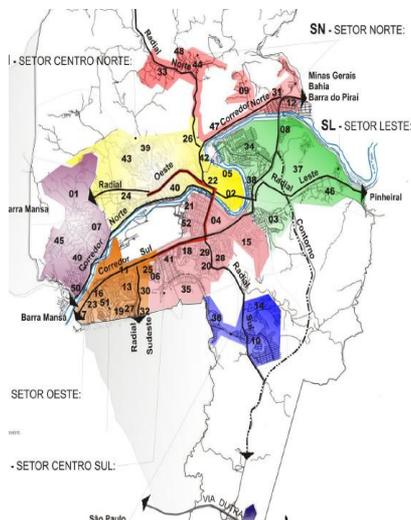
Na visão de Paulo Biajoni, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Volta Redonda (CDLVR), a CSN ainda possui considerável peso para a economia municipal. No entanto, ressalta que a dependência histórica do município em relação à empresa vem diminuindo. Em sua opinião, Volta Redonda tornou-se um polo de prestação de serviços para a região, na área de saúde e na área de educação, com universidades. O município passou a formar profissionais para os municípios vizinhos. Segundo dados da CDLVR, o comércio de bens e serviços emprega 40 mil pessoas na cidade (VOLTA REDONDA TEME. 2013).

A tentativa de implementação de uma nova dinâmica econômica na cidade fica clara nas diretrizes do novo plano diretor de 2006.

O modelo perseguido pelo presente Plano é o da cidade ciente da importância e do significado de seu papel no cenário regional e nacional, aberta às novas possibilidades de diversificação da sua economia, comprometida com a ampliação do desenvolvimento humano, o bem-estar e a segurança de seus cidadãos, promotora do aperfeiçoamento das condições objetivas de vida colocadas à disposição da população local e das cidades vizinhas e convencida da singularidade do atual momento histórico, onde, pela primeira vez, de modo participativo e ativo, planeja seu futuro, profundamente preocupada com os recursos naturais, o meio ambiente e a qualidade de vida praticada (PLANO DIRETOR DE VOLTA REDONDA).³

Com o Plano Diretor idealizado em 2006, pretende-se criar uma nova centralidade para a cidade, acompanhando a Rodovia do Contorno e a Radial Sul. No entanto, Villaça (2001) argumenta que, para determinada área adquirir centralidade urbana, faz-se necessário melhorar as vias de acesso à região, de maneira a minimizar o tempo gasto e os desgastes e custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos.

³ Grifo do autor.

Figura 2: Mapa de Volta Redonda: vias expressas

Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Volta Redonda (2013)⁴

Foi veiculado recentemente na imprensa que a prefeitura de Volta Redonda conseguiu, junto à Caixa Econômica Federal, um empréstimo de R\$ 66 milhões de reais, oferecendo como garantia os recursos do ICMS (Imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual, intermunicipal e de comunicação) e o financiamento menor dos recursos do FPM (Fundo de Participação dos Municípios).

Os projetos de lei que acompanham as mensagens são totalmente vagos, referindo-se, no caso da mensagem 017/13 ao "Programa de Mobilidade Urbana - Arco de Centralidades" e no caso da mensagem 018/13, ao "Programa de Pavimentação e Qualificação de Vias Urbanas" (R\$ 60

⁴ No mapa, pode-se visualizar a Rodovia do Contorno e a Radial Sul, que cortam as regiões com novos vetores de investimentos na atualidade, em contraponto ao setor Centro-Norte, onde se concentra a maior parte da classe operária da cidade.

milhões: NETO DEIXA A PREFEITURA ENDIVIDADA ATÉ 2033).

Ainda segundo a reportagem, entre 2016 e 2033 o município terá que dispor de R\$500.000,00 mensais para pagamento da dívida e, caso os pagamentos não sejam efetuados em dia, o correrá o risco de sofrer bloqueio de repasses e recursos importantes.

Villaça (2001) ressalta que, por ocasião da construção de uma via regional ou terminal de transporte urbano, os terrenos adjacentes, ao serem beneficiados pela melhoria da acessibilidade, são valorizados.

Todos os investimentos descritos anteriormente estão voltados para a Radial Sul e para a Rodovia do Contorno. A esse respeito Jessé de Hollanda Cordeiro, atual secretário de desenvolvimento econômico da cidade, afirmou recentemente:

Nós estaremos licitando três grandes áreas próximas à Rodovia dos Metalúrgicos, para que possamos ter empreendimentos de vital importância para a cidade, que seria uma nova rede hoteleira, uma área de serviços rodoviários equipada com uma estrutura de alimentação e uma área voltada para eventos – um grande centro de convenções”, afirmou, garantindo que Volta Redonda tem uma carência muito grande neste tipo de serviço (NOVOS RUMOS, 2012).

Jessé afirmou ainda que um dos objetivos da secretaria é viabilizar a construção de um centro de desenvolvimento tecnológico com universidades como incubadoras, que se localizará na área do Condomínio Industrial do Estado, às margens da Rodovia do Contorno, para formação de profissionais para atuação em áreas específicas. Consequentemente, receberão melhores salários do que os praticados pelo ramo siderúrgico. Ainda segundo o secretário, essas iniciativas têm por objetivo fortalecer ainda mais o setor de serviços, ao viabilizar a chegada de empresas de outros ramos que não sejam ligadas à siderurgia.

Dessa forma, a cidade de origem operária, outrora considerada a capital brasileira do aço, procura agora concentrar todos os seus esforços para estimular o desenvolvimento do setor de serviços. Os membros que discutiram o Plano Diretor, em 2006, veem-no como a

solução para a cidade lutar contra um esvaziamento econômico que vitimou muitas outras localidades e regiões que, a exemplo de Volta Redonda, cresceram à sombra de grandes indústrias estruturadas segundo o modelo fordista de produção.

Cabe ressaltar que as regiões norte e oeste da cidade, que são as mais poluídas e de forte predominância da classe operária, são preteridas dos futuros projetos, apesar de abrigarem as camadas mais atingidas pelo desemprego e pela precarização das condições de trabalho pós-privatização. Além disso, aqueles que conseguirem se empregar nos novos empreendimentos terão que gastar maior tempo e energia para se deslocarem até seus locais de trabalho. Conforme ressalta Villaça (2001), a acessibilidade é fundamental para se entender a estruturação do espaço urbano, num momento em que se discutem amplamente conceitos como o da mobilidade urbana.

Conclusão

Volta Redonda formou-se como cidade mantendo fortes vínculos com a CSN, em cujo entorno se desenvolveu. No entanto, após a privatização da empresa esses vínculos foram destruídos, e a cidade, criada sob a estabilidade do emprego em longo prazo e da segurança e assistência social oferecidas pela CSN, viu-se mergulhada numa grave crise econômica e social que ceifou empregos, prejudicou o comércio e destruiu toda uma teia de relações sociais e de identidades coletivas construídas ao longo de décadas. A crise e o esvaziamento dos bairros operários da cidade que fortemente marcavam o cotidiano de boa parte da população da cidade testemunham a gravidade e a dramaticidade das mudanças na subjetividade e da destruição do espaço simbólico de parte da população.

A cidade, ao ser planejada como extensão da estrutura hierárquica de poder da empresa, promoveu uma segregação socioespacial da massa trabalhadora nas vilas operárias. No entanto, ao mesmo tempo essas vilas contribuíam para desenvolver um sentimento de identidade de classe e pertencimento que se estendia do chão da fábrica ao local de moradia.

Com a privatização, toda essa construção da identidade coletiva foi destruída em poucos anos, processo este agravado pelo grande número de vagas extintas no setor fabril da cidade.

Para lutar contra o esvaziamento econômico e a crise que se instalou na cidade, o grupo que a administra há 20 anos, com forte ligação com o setor comercial e de serviços, tem levado adiante

políticas de fomento e atração de investimentos, com o objetivo de transformar a cidade num grande centro regional prestador de serviços, ao mesmo tempo em que pretende diminuir sua dependência em relação à CSN.

O plano diretor de 2006, ao falar no desenvolvimento de uma nova centralidade urbana para Volta Redonda, exclui a CSN das novas diretrizes e ações que objetivam proporcionar um novo ciclo de prosperidade para a cidade.

A cidade operária, berço do capitalismo pesado nacional, concebida a partir da primeira grande siderúrgica latino-americana, símbolo do rompimento do país com seu passado agrário-exportador, rompe com seu passado e transforma-se numa cidade prestadora de serviços em cujo espaço urbano as vilas que abrigavam os metalúrgicos estão condenadas ao ostracismo, em alguns casos ou gradativamente, e abrem espaços para novos empreendimentos imobiliários, como condomínios de luxo.

A solidariedade do chão da fábrica, dos encontros na entrada e saída dos turnos da usina, das reuniões e assembleias do sindicato, do lazer nos clubes e eventos promovidos pela CSN é agora substituída pelo individualismo e pela autossegregação dos muros e sistemas de segurança particulares dos condomínios de luxo de classe média alta.

Não é intenção fazer juízo de valor se tal transformação era inevitável e necessária, ou se haveria outros caminhos a serem percorridos. O drama vivido por Volta Redonda é o mesmo experimentado por regiões e cidades que, em vários países, também cresceram no entorno de grandes empresas pesadas e foram estruturadas segundo o modelo fordista de produção.

O objetivo deste estudo é demonstrar como a identidade coletiva, o cotidiano, a subjetividade e o espaço urbano de Volta Redonda foram abruptamente transformados pelo poder do capital, num primeiro momento, a partir da privatização da CSN, e posteriormente, pela ação do capital especulativo imobiliário. Esse capital e as entidades e grupos patronais ligados ao comércio determinam os novos rumos econômicos da cidade, condenando a parcela da classe operária que sobreviveu ao processo de demissões ao confinamento em áreas cada vez mais excluídas e distantes dos novos polos de crescimento e expansão econômica da cidade.

Volta Redonda constitui-se exemplo bem acabado de como a reestruturação produtiva de grandes empresas destroem laços, identidades e subjetividades locais e remodelam o espaço geográfico,

quase sempre à custa da exclusão e segregação da classe trabalhadora e dos atores mais frágeis que não conseguem se inserir no processo.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Medo e Confiança na Cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli. *A Formação da Classe Operária em Volta Redonda*. Projeto Financiado pela Lei Municipal de Incentivo a Cultura. Volta Redonda RJ 2010

_____. *Pedagogia do mundo do trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: americanismo, compromisso fordista e a formação da classe operária em Volta Redonda*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007. Tese de Doutorado em Educação. Centro de Estudos Sociais Aplicados.

BEDÊ, Waldyr. *Volta Redonda na Era Vargas (1941-1964)*. Historia Social. Projeto Financiado Pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Volta Redonda RJ – 2004

DIAS, R. S. NETO, R. S. (2004). Uma análise das transformações espaciais decorrentes da passagem do regime fordista para os regimes flexíveis de acumulação. *Vértices*, 6(2):9–38.

DULCI, João Assis. *Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Vale do Paraíba Fluminense: região ganhadora ou perdedora*. Dissertação (Curso de Mestrado) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro: 2009.

GRACIOLLI, Edilson José. *A Adesão Sindical às Privatizações da CSN e da Usiminas, miséria do transformismo político e participacionismo in ANTUNES, Ricardo (org) Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil II*. Boitempo. São Paulo SP. 2013

_____. *Um Caldeirão Chamado CSN. Resistência operária e violência militar na greve de 1988*. EDUFU. Uberlândia MG. 2009

HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE VOLTA REDONDA: **Plano diretor**. Volta Redonda, IPPU, 2006. Disponível em: <<http://www.portalvr.com/ippu/mod/ippu/index.php>> Acesso em: 15 mar 2013.

KUHN, Thomas S., A estrutura das revoluções científicas. tradução Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006. Disponível em: <http://www.multiversojuridico.com.br/liz/textos/Thomas-Kuhn-A-Estrutura-Das-Revolucoes-Cientificas.pdf>> Acessado em 17/07/2013

LIPIETZ, Alan. O Mundo Pós-Fordismo. Economia Global e Regional. Fundação de Economia e Estatísticas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. RS FEE. v. 24, n. 4 (1997).

Disponível

em:<<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1381/1745>>

MASCARENHAS, Gilmar. OLIVEIRA, Leandro Dias de. Adeus ao proletariado? A dimensão simbólica do estádio da cidadania (Volta Redonda – RJ / Brasil). Revista Digital – Buenos Aires. Ano 11. Outubro de 2006. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd101/estadio.htm>> Acessado em 20/08/2013

MONTE-MÓR R. L. As teorias urbanas e o planejamento urbano no Brasil. In.: Crocco, M ; Diniz, C. C. **Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 61–85. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper35.pdf>> Acesso em 17 out. 2012

NOVOS RUMOS. Jessé de Hollanda se mostra otimista quanto a mudanças na economia da cidade. Jornal Aqui, 19/11/2012. Disponível em:<<http://www.jornalaqui.com/noticia.php?id=4003&idedit=11&banner=1>> Acessado em 22/08/2013

PALMEIRA, André Franklin. A Nova Face da “Cidade do Aço”: crise do capital, trabalho e hegemonia em Volta Redonda (1992-2008). Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Dep.de História. Niterói RJ. 2012

Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1570.pdf>>
Acessado em 22/08/2013

PIQUET, Roselia. O papel da cidade-empresa na formação urbana brasileira. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 12. 15-18 de out. 2012, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Anpur, 2012. p. 691

R\$ 60 milhões: Neto deixa prefeitura endividada até 2033. Disponível em: <<http://www.olhovivoca.com.br/politica/1493/mais-de-r-60-milhoes-neto-deixa-prefeitura-endividada-ate-2033/>>. Acessado em 24/08/2013

SANTANA, Marco Aurélio; MOLLONA, Massimiliano. Trabalho e ação coletiva: memória, espaço e identidades sociais na cidade do aço. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 19, n. 39, June 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000100006&lng=en&nrm=iso. access on 07 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832013000100006>

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VOLTA REDONDA TEME PELOS EFEITOS DA COMPRA DA CSA. Valor Econômico 11/03/2013. Disponível em: <http://www.interjornal.com.br/noticia.kmf?canal=117&cod=19930776>
Acessado em 19/03/2013

WILHEIM, Jorge. 2006. As Propostas do Consultor. Relatórios 02 e 03. Disponível em: http://www.portalvr.com/ippu/mod/planodiretor/proposta_consultor.pdf
Acessado em 18/12/2012